

humanitas



Vol. LXIII
2011

A primeira tem a ver com outro nome próprio Êutico, que aparece grafado correctamente na maior parte dos casos, mas, pelo menos uma vez, aparece sob a forma de Eutico (p. 32).

A segunda aparece na página 14, onde é utilizada a palavra *reimprimida*, quando deveria ser *reimpressa*.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

ARISTÓTELES. Partes dos Animais. In: *Obras Completas*. Tradução, introdução e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010. v. 4, t. 3.

A importância da obra biológica de Aristóteles, embora sempre tenha sido objeto de estudos e reflexões, vem sendo, sobretudo nas duas últimas décadas, retomada a partir de sua importância não só no campo da Filosofia da Ciência, mas, sobretudo, em suas relações e interlocuções com a *Metafísica*, a *Ética* e a *Política*.

Nesse sentido, a tradução completa do pequeno tratado aristotélico sobre as *Partes dos Animais*, pela primeira vez traduzido integralmente para a Língua Portuguesa,³ em edição com cuidadosa tradução, contendo uma acurada introdução, notas explicativas e informativas, além de dois importantes índices – um com listagem dos animais estudados e outro com os principais “conceitos” utilizados por Aristóteles –, é aplaudida não só por todos os estudiosos do pensamento de Aristóteles e Platão, mas, também, por todos aqueles que se dedicam ao estudo da Antiguidade Clássica, da Biologia, da Zoologia, da Antropologia e saberes afins, pois as reflexões do Estagirita estão agora a todos disponibilizadas.

A importância do texto acerca das *Partes dos Animais* pode ser coligida desde sua influência filosófica asseverada em toda a crítica à dialética platônica, fundada no método da *diáresis* que parece estar circunscrita, como indica M. G. F. Schalcher,⁴ ao procedimento argumen-

³ Em 1999, Lucas Angioni, publicou a tradução do Livro I do tratado, ficando os demais livros ainda desconhecidos na língua portuguesa. Cf. Angioni, L. *As Partes dos Animais*, Livro I. Tradução e comentário por Lucas Angioni. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Campinas, série 3, v. 9, n. especial, 1999.

⁴ Schalcher, M. da G. F. F. As relações entre *diáresis* e definição no

tativo, que acredita Aristóteles não estar presente no método platônico, à observação, hoje clássica, de que “o homem é o único animal que ri” e que estará na base de quase todas as reflexões sobre a natureza e as funções do riso, do Renascimento aos tempos contemporâneos.

Dividido em quatro livros, *Partes dos Animais* está incluído no conjunto das *Obras Biológicas* de Aristóteles como o primeiro texto do conjunto formado pela *Historia Animalium*, o *De Generatione Animalium*, o *De Motum Animalium*, o *De Incessu Animalium*, e dos *Parva Naturalia*, onde predomina uma compreensão teleológica da natureza expressa tanto pela crítica aos estudos elaborados na Academia Platônica, quanto no reconhecimento de que na natureza nada se dá pelo acaso, mas, ao contrário, nela busca-se o melhor para cada coisa dentro dos limites do possível, mantendo a constituição que lhe é própria, de tal modo que sua essência particular (*tèn idían ousían*) e sua definição própria (*tò ti ên autô(i) êinai*) mantenham-se inalteradas.⁵

Ao buscar a clarificação e os princípios do método que será utilizado no estudo da natureza, no Livro I de PA, Aristóteles demarcará sua posição crítica frente aos seus predecessores, em especial os ‘fisiológicos’, Empédocles, Anaxágoras e Demócrito, e no que tange ao princípio exposto em PA sobre o modo de como processar as divisões para que as relações entre matéria e forma possam subjazer à definição dos seres vivos, Aristóteles reafirmará suas discordâncias com a divisão dicotômica utilizada pelo método platônico da *diaíresis*, tomando por base de sua crítica a divisão que é feita por Platão nos diálogos *Sofista* e *Político*.

No Livro II, as bases do método aristotélico estarão claramente enunciadas ao mostrar que o importante está na avaliação das causas que dão aos animais um caráter próprio, uma vez que quais e quantas são as partes que constituem cada tipo de animal é um tema que foi discutido na *História dos Animais*. O estagirita começará, então, explicando a formação dos seres viventes a partir da combinação dos quatro elementos, terra, ar, fogo e água, em três tipos de composições.

A primeira, esboçada em suas “qualidades fundamentais”, isto é, o líquido, o sólido, o quente e o frio que são a matéria dos corpos compostos

pensamento de Aristóteles. *Kriterion*, Belo Horizonte, 51 (102): 111-127, dez. 2000.

⁵ Cf. *De inc. an.*, 708 a 9-13.

e da qual derivam as diferenças entre eles, a do peso, a da leveza, a da densidade, a da rarefação, etc.

A segunda combinação, relativa à organização desses elementos, é aquela que produz nos animais as partes homogêneas (*homeómères*), ou seja, os tecidos tais como a carne ou os ossos, e será dessas partes que chegaremos à terceira combinação de diversas partes ditas não-homogêneas (*anoméomères*), tais como as mãos, o rosto e as outras partes do corpo.

Será, pois, nesse contexto que Aristóteles estudará o sangue, suas qualidades e funções, o coração, a fibrina, a gordura e o sebo, a medula e o cérebro; passando em seguida ao estudo da carne nos diferentes animais e ao sistema ósseo e suas relações com os vasos sanguíneos.

Ao admitir que o coração é a fonte das sensações, sendo o tato e o paladar diretamente a ele relacionado, Aristóteles afirmará que dentre os animais conhecidos a espécie humana é aquela que é superior às demais porque partilha da natureza divina e, por isso, sua forma exterior é aquela à qual estamos mais familiarizados, daí iniciar o estudo das partes externas do corpo – o ouvido, as pálpebras, os olhos, as pestanas, a cauda, os cabelos, a sobrancelha, o nariz, os lábios, e a língua – dos seres humanos e a seguir nas demais espécies.

Por outro lado, na seqüência dos temas relativos aos privilégios da espécie humana e à repartição dos sentidos, Aristóteles, no Livro III, estudará o papel e o formato dos dentes, da boca e do bico das aves, passando a seguir para a face, isto é, para a zona intermédia entre a cabeça e o pescoço, analisando a presença dos cornos em diferentes espécies, sua localização, sua relação com os ossos e a seguir aos órgãos que estão situados no nível do pescoço, para aqueles animais que o possuem, o esôfago, a traquéia e a faringe que servem não somente para a respiração, mas, também, para a voz, pois o que produz som deve ser liso e sólido. A traquéia, por estar à frente, pode sofrer com a ingestão de alimentos, e, para evitar esse tipo de sofrimento, a natureza forjou a epiglote, que acautela tal risco e junto com a faringe coordena a ingestão do ar, a mastigação e a deglutição dos alimentos.

As vísceras serão definidas como aqueles órgãos próprios das espécies sanguíneas, sendo que entre elas há as que são “simples”, tais como o coração e o pulmão, e aquelas que são “duplas”, como é o caso dos rins, e algumas outras que não se sabe a que grupo pertencem, e serão analisadas a partir de suas funções e de suas localizações.

Quando passamos para o estudo do diafragma, chegamos a um momento de grande importância do texto, pois será nesse interregno entre os dois grupos de vísceras que está o diafragma, separando-as do pulmão e do coração. O diafragma, chamado de “centro frênico”, nos animais sanguíneos, serve de separador da cavidade abdominal da região do coração, de modo que o princípio da alma sensível não sofra qualquer lesão, nem pelo odor dos alimentos, nem pelo excesso de calor que eles liberam, e foi por isso que a natureza criou uma separação, fazendo do “diafragma uma barreira entre as partes nobres e as menos nobres”, entre as partes superiores e as inferiores, sendo que nas partes superiores estão situadas aquelas partes em vista das quais as restantes existem, ou seja, as partes inferiores estão submetidas às superiores, sendo, portanto, indispensável porque é através dele que os alimentos chegam ao corpo. A localização do diafragma lhe dá, então, o poder de defesa das partes superiores contra o calor das partes inferiores, pois, quando essas partes, devido à proximidade recebem um calor húmido, produzido pelos excrementos, dá-se uma perturbação do pensamento e da sensibilidade (*tèn diánoian kai tèn aísthesin*) (PA, 672b).

Ora, é essa perturbação produzida pelo aquecimento do diafragma que provoca o riso: “De facto, se se fizer cócegas a alguém, provoca-se-lhe de imediato o riso, porque o movimento atinge rapidamente esta zona e, mesmo que o aquecimento seja pequeno, produz um efeito evidente e uma reacção mesmo que contrária a nossa vontade. Se o ser humano é o único animal susceptível de ter cócegas, esse facto deve-se, por um lado, à finura da pele, mas também por se tratar do único animal que ri (*tò mónon gelân tòn zóon ánthropon*)” (PA, 673a 9-10).⁶

A definição do homem como único animal que ri, dada a natureza do riso tal como explicitada pela função do diafragma na separação das partes

⁶ Seria possível reencontrar, nessa separação estabelecida pela função do diafragma entre “superiores e inferiores” na definição do riso em PA, as definições da tragédia e da comédia em *Poética*, em 1449a 31-35: *A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo*; e em *Poética*, 1449b24-28: *É, pois, a tragédia imitação de uma acção de carácter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes, não por narrativas, mas mediante actores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções.* (Tradução de Eudoro de Souza).

superiores e inferiores do corpo, será um tema que marcará tanto a tradição médico-biológica, quanto a reflexão estética, desde Luciano de Samósata, Quintiliano e Plínio, até o Renascimento, onde o *Traité du Ris*, do médico da Universidade de Montpellier, Laurent Joubert, publicado em Paris, em 1579, e os versos do *Gargantua* de Rabelais, dentre outros, marcam os dois domínios da reflexão acerca do riso, estendendo-se até o pensamento contemporâneo⁷, e só vem reforçar a importância e oportunidade da tradução das *Partes dos Animais* em língua portuguesa.

Na seqüência do texto, Aristóteles tratará ainda da anatomia comparada das vísceras e de suas diferenças com a carne, a posição e a função do estômago, os intestinos e suas partes, para, no Livro IV, estudar as vísceras dos quadrúpedes ovíparos e dos répteis; os órgãos da nutrição nas espécies não sanguíneas, ou seja, os chamados cefalópodes e crustáceos que apresentam grandes diferenças em relação às espécies anteriormente estudadas; a sensibilidade e a anatomia dos insetos, para discutir, então, as diferenças de estruturas entre o homem e as demais espécies.

A tradução da Professora Maria de Fátima Sousa e Silva, elaborada a partir do texto grego estabelecido por A. L. Peck, para a Loeb Classical Library, está muita bem cuidada e elaborada, com boas soluções para passagens controversas, além de conter notas explicativas e informativas, que permitem ao leitor não especializado a identificação de vários temas comuns ao contexto da Filosofia Grega Antiga.

Vale observar, ainda, a correção do vocabulário biológico – elaborado com a colaboração e revisão de Carlos Almaça, catedrático jubilado do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa –, como a escolha da tradução de termos técnicos à reflexão aristotélica por versões já consagradas, por exemplo, a tradução do termo *dýnamis* por ‘potência’ em algumas passagens (como em 642a 1-2; 647a 8-9); *hýle* e *morphé*, por ‘matéria’ e ‘forma’ (como em 646a 29, 33, 35), de modo a sublinhar o sentido presente de outras obras aristotélicas nas PA, e, sem descurar das dificuldades relativas à tradução de termos como *lógos*, *diánoia*, *phrónesis*, permitimo-nos observar que, embora quase sempre as escolhas da tradutora nos pareçam corretas e oportunas, em alguns momentos, entretanto, a tradução multifacetada de um mesmo termo, em uma mesma passagem, pode acarretar confusões.

⁷ Veja-se, por exemplo, o primeiro ponto sublinhado por H. Bergson em *Le rire: Il n’y a pas de comique en dehors de ce qui est proprement humain*.

É o que ocorre, por exemplo, em PA, 646a 30, onde *lógos* é traduzido por ‘raciocínio’ e na seqüência, em 646b 3, por ‘lógico’, em 646b 4, por ‘conceito’, em 646b 5, por ‘noção’, fazendo com que a também radical afirmativa aristotélica em *Política*, 1253a 9-10 de que “o homem é o único animal que tem *lógos* (*lógon de mónon ánthropos ékhei tôn zóon*)” e por isso é, por natureza, um animal político (*ho ánthropos phýsei politikón zôon*), fique obnubilada em toda a discussão acerca das causas que dão aos seres vivos o seu *trópos*; ou quando o termo *diánoia*, traduzido em 641b 9, por ‘pensamento’, e em 672b 30 e 34, por ‘raciocínio’, desloca o tema do riso do âmbito do ‘pensamento’ para circunscrevê-lo ao nível do ‘raciocínio’, obscurecendo a questão estética intrínseca às condições biológicas.

Entretanto, é preciso salientar que, no “Índice de Conceitos”, estão listadas todas as diferentes traduções atribuídas a um mesmo termo do vocabulário aristotélico, permitindo uma visão conjunta das escolhas da tradutora e dos usos ao longo do texto.

MARIA DAS GRAÇAS AUGUSTO

BERMÚDEZ RAMIRO, Jesús, *Forma literaria y tipología textual. Un estudio sobre las Consolaciones latinas*, Madrid, Ediciones Clásicas, 2010, 258 p., ISBN 84-7882-692.0.

Um estudo rigoroso e original de Literatura Latina, no domínio da análise formal dos géneros literários, neste caso o género consolatório, que é fruto de uma tese de Doutoramento, intitulada *Rasgos caracterizadores de las consolaciones latinas desde Cicerón a P. Papinio Estacio*, defendida em 1984, sob a direcção do Prof. Tomás González Rolán. Este grande mestre de Filologia Clássica da Universidade Complutense de Madrid assina o “Prólogo” da obra que agora se apresenta em letra de forma, onde afirma que «es una excelente aportación a la profundización en ese “género menor” que es la consolación, género que, como demuestra el autor, se gestó en Grecia pero cristalizó en Roma, en donde las Consolaciones se configuraron como una obra polifónica en la que se han mezclado elementos de los tres grandes géneros (épico, lírico, y dramático) con una idea directriz, a saber la de calmar el dolor de un ser apenado» (p. 9-10).

No decurso de décadas, o tema das Consolações latinas, na sua abordagem de um ponto de vista literário, não perdeu o interesse que